

Os instinctos da sabedoria

Algumas considerações á margem da recente viagem do Dr. Pontes de Miranda a Berlim

Por Sergio Buarque de Hollanda

BERLIM, 28 de outubro. — Aca-
ba de voltar para o Rio, depois de
uma breve estadia no Velho Mundo,
o extraordinario philosopho, jurista
e publicista brasileiro dr. Pontes de
Miranda. Neste momento positivamente
atordoador, em que os tele-
graphos mal têm tempo para trans-
mittir despachos alarmantes de to-
dos os recantos do globo, seria in-
opportuno e mesmo improducente
querer collocar o nosso publico ao
par dos successos admiraveis do no-
tavel pensador patricio. E dizer-se
que ha poucos mezes teria bastado
um pio da Agencia Americana para
se cumprir esse dever comestivo de
justiça!

O silencio que, aliás, envolveu la-
mentavelmente o seu nome prende-
se a uma porção de circunstancias
que, a bem dizer, independiam da
vontade de seus amigos e — verda-
de se diga — de sua propria vonta-
de. Porque, seguindo nesse ponto o
modelo de alguns espiritos illustres,
o dr. Pontes de Miranda não é de
maneira nenhuma um adversario da
publicidade. Chego a imaginar que
se visse numa dessas épocas de
grande projecção espiritual, como,
por exemplo, o Renascimento, prefe-
riria ao modelo de seu quasi homo-
nymo e sosia mental Pico de la Mi-
randola, esperando por qualquer Paolo
Giovio que se dispuzesse a escre-
ver o elogio de sua sabedoria infi-
nita, a attitudo certamente muito
mais effcaz de um Benvenuto Cel-
lini, encarregando-se a si proprio de
gravar para todo o sempre os tra-
balhos e os dias de uma existencia
memoravel. O pai da sciencia posi-
tiva do direito — como já o teria
qualificado um philosopho allemão
imaginario — é dos que se sabem
fazer justiça, quando tarda ou es-
casseia a que lhe devem os admira-
dores.

Chegando á Europa e não sem
contrariar um pouco sua nomeada
de amigo fervoroso da Alemanha, o
dr. Pontes de Miranda deixou-se per-
manecer algum tempo em Paris. A
velha Lutetia ainda tem forças para
seduzir mesmo a um grave discipulo
dos Mach e dos Avenarius. Depois
desse preito á Cidade-Luz, onde se
demoraria cerca de um mez, como
um eremita incognito "in partibus
infidelium", o moço philosopho sen-
tiu-se possuido de energicas disposi-
ções para atravessar finalmente o
Reno e dar um pulo á sua legitima
patria espiritual.

A Alemanha iria ouvir desta vez
a palavra altisonante e milagrosa
do mensageiro de nossa cultura, de
nossa fé no progresso, de nossa
grandeza, de nossa civilização, em-
fim de nossa propria existencia.
Membro honorario de nada menos
de oitenta e quatro sociedades sa-
bias germanicas — conforme annun-
cia aos seus admiradores das portas
da Garnier — o autor da "Introdu-
ção á Sociologia Geral" explicaria
desta vez á Alemanha estupefacta,
que não somos apenas um país de
botocudos, que só sabe produzir café
e generaes. Foi com um ardor pa-
triotico bem explicavel que espera-
mos a presença do glorioso e pre-
coce pensador nacional.

Todavia, tal como succedeu em
França, onde sua chegada, por des-
graca, só foi conhecida de alguns
brasileiros ali residentes, ao mesmo
tempo em que o mundo inteiro co-
nhecia a terrivel catastrophe do
R-101, a estada do dr. Pontes de
Miranda, na Alemanha, coincidiria
precisamente com uma serie de des-
astres ainda mais dolorosos de que
a destruição da formidavel aeronave
britannica.

Justamente na noite de 21 do
corrente, quando atravessava a Rhe-
nania com destino a Berlim o trem
que conduzia a eminente personali-
dade do Brasil novo, vóu pelos ares
ali perto, em Alsdorf, toda a instal-
lação de um gigantesco poço de ex-
tracção de carvão, sendo sepulta-
dos entre os seus escombros os ca-
daveres de 264 trabalhadores. Até
hoje permanecem envoltos em um
véo de mysterio os motivos reaes
desse horroroso desastre. Os engen-
heiros e peritos, que examinaram
attenciosamente o local, limitam-se
a abanar a cabeça e a erguer os
ombros quando se lhes indaga das
causas do sinistro.

O dr. Pontes de Miranda achava-
se sómente ha tres dias na metro-
pole germanica e ainda se ouvia o
repicar dos sinos pelos funeraes das
pobres victimas de Alsdorf, quando
surge de repente a noticia de outro
medonho desastre em uma mina de
Maybach, na região do Saar, onde
em consequencia de uma explosão
tambem occorrida mysteriosamente
vicram a fallecer cento e tantos opo-
rarios. Nesse mesmo dia chegava a
Berlim a noticia de que uma forte-
za do Rio de Janeiro bombardeara
um navio allemão matando trinta e
cinco passageiros e tripulantes. Só
amanhã, quer dizer depois da parti-
da do eminente pensador, é que será
levantado o luto nacional decretado
pelo governo do Reich.

Assim o dr. Pontes de Miranda só
veio conhecer, na verdade, um Ber-
lim pensativo e cabisbaixo, um Ber-
lim a meio-pão, sem "Tanz" no
"Esplanade" e no "Eden", sem "Ca-
sanova", sem "Barberina", sem "Am-
bassadeurs", sem o "Femina" ou o
"Johny's Night Club", sem a "Sil-
houette" ou o "Eldorado", sem a or-
chestra magyar do "Zigeuner Kel-
ler", sem os banhos do Wansee, sem
os vinhos do Werder, um Berlim que
não vai ao cinema, que não ousa
assobiar "Eine kleine Sehnsucht", ou
"Erika", ou o repertorio dos "Drei
von der Tankstelle". Desde o dia
em que aqui chegou, dir-se-ia que a
Alemanha foi invadida por um ven-
to agoureiro. Multiplicaram-se os
desastres. Cresceu de maneta alarm-
ante o noticiario criminal dos jor-
naes. O governo esteve ameaçado
de ruir em consequencia de uma

moção de desconfiança. Verifica-
ram-se desfalques sensacionais. Tem-
poraes terriveis abateram sobre to-
do o país, chegando mesmo a des-
truir, na Silesia, uma das pontes
mais resistentes da Europa Central.
E por fim, mas "not least", os jor-
naes entraram a noticiar insistentemente
uma serie immensa de escan-
dalos passionaes, o que na Allema-
nha é realmente coisa do outro
mundo.

Tudo isso explica de certo modo
a aurea de silencio que envolveu o
nome do illustre pensador desde que
por aqui chegou. Nenhum philoso-
pho allemão compareceu a seu des-
embarque, nenhum professor illustre
assistiu a seu doia-fóra, nenhum
jornal mencionou sequer o seu nome
emquanto aqui permaneceu. Não de-
veria estar muito enganado quem
descrese do exito do missdo do
grande pensador patricio. Decidida-
mente a Alemanha não tomara co-
nhecimento da existencia do doutor
Pontes de Miranda.

Até aqui apenas o que nos asse-
guravam as apparencias. Mas nesse
ponto é que ha o engano. Na
verdade conhecem-se pouquissimos
exemplos de uma personalidade tão
festejada em Berlim como a do nos-
so notavel compatriota. Hospedado
principesmente na "Casa dos Sa-
bios", segundo me disse referindo-se
á Harnackhaus, o dr. Pontes de Mi-
randa não teve nem um segundo de
lazer para se dedicar ás graves me-
ditações que esse ambiente suscita.

Já no dia em que chegou a capital
allemã foi tão requestado pelo mun-
do scientifico, que não lhe sobrou
sequer um momento para almoçar,
nem para jantar. Foi mesmo obriga-
do — conforme me declarou — a
andar mais de uma hora a procura
de injeções fortificantes, afim de
se poder manter. E o mais impor-
tante é que no meio de tamanhas
honorarias nunca lhe fugiu a lem-
brança de sua patria querida. Con-
versando com Raul Bopp e commi-
go, logo no dia seguinte ao de sua
chegada, informou-nos que "da pri-
meira vez" em que esteve com o dr.
Curtius, ministro do Exterior do
Reich, teve o topete de manifestar-
lhe seu vivo desagrado pela presen-
ça de um cruzador allemão em aguas
brasileiras. O singular é que, segun-
do pudemos verificar mais tarde, o
dr. Curtius partira para Alsdorf, a
visitar as victimas da catastrophe,
exactamente no dia em que chegou
a Berlim o nosso demaventurado
compatriota, de modo que, nas pou-
cas horas em que aqui permaneceu
no dia 22, receberá o dr. Pontes de
Miranda pelo menos mais de uma
vez. O que, convenha-se, não deixa
de constituir, aliás para ambos, uma
honra excepcional. Seu protesto re-
vela uma attitudo de energia e de
altivez, que não são raras em sua
brilhante vida publica. E' sabido,
por exemplo, que foi convidado por
ocasião do governo Bernardes a
occurrir a pasta da Justiça — elle
o repete a quem queira ouvir —
deixando de aceitar essa collabora-
ção tão promissora para a nação,
simplesmente pelo facto de não con-
cordar com os nomes de seus colle-
gas de governo, aos quaes, em seu
modo de ver, falleciam competencia
e outras qualidades mais graves. O
peor é que — segundo affirma —
teve de desilludir "mais de quarenta
moços" que o haviam assediado por
um lugar de official de gabinete!

Esse gesto tão raro de abnegação
e de integridade moral o dr. Pontes
de Miranda voltou a repetir na Al-
lemania, recusando varios convites
honorarios que lhe dirigiu o go-
verno do Reich, por allegar que o
Brasil hoje, mais do que nunca, ne-
cessita seu amparo.

Si a Alemanha official portou-se
para com seu hospede com taes re-
quintes de gentileza é possível ima-
ginar-se o que não fez por elle a
Alemanha cultural. Basta dizer-se
para um exemplo, que á pessoa de
sua familia destinaram nada menos
de que o aposento onde se hospedou
Rabindranath Tagore. Por occasião
de sua visita á Universidade de Ber-
lim, o professor de Linguas Orien-
taes chegou ao extremo de passar-
lhe a aula. Terminada sua prele-
ção o dr. Pontes de Miranda teria
recebido dos alumnos do curso uma
tempestade de applausos como já
mais se tivera noticia naquella esta-
belecimento!

Quanto a ceremonias onde parti-
cularmente se destacou e de que foi,
por assim dizer, a figura central, só
ouvi falar mais detalhadamente em
duas: uma chá intimo que lhe offe-
receu a nata da colonia brasileira e
uma conferencia á qual assistiu um
circulo muito restricto, naturalmen-
te muito selecto de homens de sa-
ber. Não pretendo entrar nos deta-
lhes que me foi possível obter a res-
peito de uma e de outra, mas entre
parentheses, confesso que ainda não
pude atinar com o sentido daquelle
commentario do professor Stoffren-
gen, um dos venturosos sabios que
assistiram á conferencia lida por
meu eminente patricio.

O dr. Pontes de Miranda —
disse-me aquelle mestre — fez-me
sem querer uma extraordinaria reve-
lação. A despeito da grande distan-
cia que separa os nossos idiomas,
pude notar que o portuguez não de-
ixa de possuir algumas affinidades,
embora longinquas, com o allemão!

O que ha de exquisto nessa co-
sideração é que, segundo me disse-
ram, a conferencia foi lida em alle-
mão. Isto é, segundo me disse o
proprio dr. Pontes de Miranda. Seja
como for, não duvida que elle me-
receu applausos de alguns nomes ve-
neraveis.

Tudo isso torna ainda mais la-
mentavel o facto da imprensa alle-

mão não ter, sequer uma vez, men-
cionado ao menos o nome de nosso
illustre conterraneo. Mas ainda as-
sim a nomeada que elle acaba de se
assegurar para sempre neste país,
deve constituir para nós brasileiros
um motivo de justa vaidade e do
mais nobre orgulho. Sua obra de
pensador, talvez a mais solida e
massica deste seculo, é como um
oasis florido no Sahara da intelli-
gencia nacional. Resultado de um
labor titanico e fecundo ella con-
centra em si o fruto de longas pes-
quisas nos volumes de sua opulenta
bibliotheca, é um verdadeiro thesouro,
de materias estranhas e diversos,
um "redes-vous" do pensamento
alheio. Essas idéas e esses pensa-
mentos entrelaçam-se, chocam-se,
cumprimentam-se sem excessivas ce-
remônias num labyrintho de nomes
proprios, de formulas complicadas,
de algarismos, de schemas, de as-
pas, de chamadas, de citações em
allemão, em grego e até em hebrai-
co. O dr. Pontes de Miranda é mais
um admiravel professor de energia.
Aos seus leitores, ouvintes e cir-
cunstancias elle communica indefeti-
velmente uma gravidade caracteris-
tica, uma certa solidéz, em summa
um peso, que os singulariza de ma-
neira implacavel. Seus livros volu-
mosos têm antes de tudo a rara va-
lidade de poderem ser lidos com fa-
cilidade e mesmo com rapidez, pois
não ha quem já não se dê por sa-
tisfeito á segunda ou á terceira pa-
gina. Cavalheiro andante do Abso-
luto, a ousadia sempre pittoresca de
suas convicções é constantemente
temperada por um louvavel e com-
movente amor á tradição. Em Phi-
losophia o dr. Pontes de Miranda
chega ao ponto de saber desconhe-
cer todo o pensamento contempora-
neo, mesmo o da Alemanha. Desde
Husserl e Rickert até Max Scheller
e Ludvig Klages, todas as correntes
que succederam ao positivismo alle-
mão, acham-se fóra da orbita de seu
profundo saber. Preferiu parar nos
empiricistas, que floresceram
ahi pelos fins do seculo passado.
Mas se investigarmos cuidadissima-
mente sua genealogia mental acaba-
remos por descobrir seu verdadeiro
mestre, o pai espiritual, o guia, o
inspirador, o anjo da guarda de seus
pensamentos, palavras e obras no
mais amavel e engenheiro de todos
os philosophos da terra, o nosso in-
esquecivel Freiherr von Munchau-
sen.

Em politica tambem o dr. Pontes
de Miranda sabe levar seu tradicio-
nalismo ao ponto de não admittir
nada de quanto se produziu no Bra-
sil desde a queda do Imperio. Ainda
no outro dia chegou a dizer aqui em
Berlim, com uma escandalosa mo-
destia, que suscitou vivos protestos
de meu querido amigo Ildefonso
Falcão, que nosso país ainda não
produziu um só homem de valor de-
pois da proclamação da Republica.
Ao par dessa attitudo tão digna
de interesse, consegue ser, nos mo-
mentos mais opportunos, partidario
de um extraordinario radicalismo.
Quando teve noticia da victoria da
revolução brasileira e da dissolução
do Congresso Nacional por parte da
Junta Provisoria, o joven sabio, que
até então se mantivera em uma
comprehensivel reserva acerca dos
acontecimentos no Brasil, não soube
conter uma phrase que tras indis-
cutivelmente seu profundo instincto
de defesa e de protecção á integri-
dade moral do Brasil.

— Não basta o Congresso — di-
se. E' preciso dissolver muitas ou-
tras coisas. E acrescentou:

— Partirei immediatamente afim
de ensinar áquella gente o verdadei-
ro caminho para a salvacão do país.
Depois dessas palavras o dr. Pon-
tes de Miranda despediu-se dos pre-
sentes visivelmente impressionado.
Era o delirio da partida. Era a sau-
dade da patria que voltava ao seu
coração quasi adolescente. O banzo
agitado de um filho dos tropicos en-
tre as gentes pallidas da Germania.
Os, seus olhos luzidios revelavam
sob os oculos do sabio, imaginações
mysteriosas e ardentes. Nesse mi-
nuto seu cerebro deveria estar con-
cedendo pensamentos immortaes.
Foi a ultima vez que me avistei
em Berlim com o dr. Pontes de Mi-
randa. Dois dias depois soube que
já tinha partido inesperadamente
para Hamburgo com destino ao Rio.
Bons ventos levem a esse futuro sal-
vador do país! E façamos votos
para que Nossa Senhora da Appa-
recida, padroeira do Brasil, saiba
desviar de nossa terra a onda de
calamidades que invadiu nestes dias
a Alemanha.

"Journal"
23 de Novembro de 1930
"Domingo"